

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

STUDART, Heloneida. *Heloneida Studart (depoimento, 1999)*. Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 2003.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC/FGV e ALERJ. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

HELONEIDA STUDART
(depoimento, 1999)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Américo Oscar Freire; Marieta de Moraes Ferreira

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil

data: 08/10/1999 a 22/10/1999

duração: 2h 50min

fitas cassete: 03

páginas: 38

Entrevista realizada pelo Núcleo de Memória Política Carioca e Fluminense, criado pelo convênio entre a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) e o CPDOC-FGV, em 1997. O Núcleo se constitui em um centro de produção intelectual e referência documental sobre a história política da cidade e do estado do Rio de Janeiro. Entre outros resultados, ele publica as entrevistas editadas na coleção "Conversando sobre Política".

Esta entrevista está disponível para consulta apenas em sua versão publicada em livro: Vozes da oposição: depoimentos de Lysaneas Maciel, Heloneida Studart, Modesto da Silveira, Iramaya de Queiroz Benjamin, Raymundo de Oliveira, Arlindenor Pedro de Souza, Francisco Amaral e Jó Rezende / Organizadores Marieta de Moraes Ferreira, Dora Rocha e Américo Freire. Rio de Janeiro, Graflin, 2001.

temas: Esquerda, Feminismo, Movimento Democrático Brasileiro, Partido Comunista Brasileiro, Partido Dos Trabalhadores, Poder Legislativo, Preso Político, Sindicalismo, Sindicatos de Trabalhadores, Tortura.

Quando casar, passa...

Quais são suas origens? Família, formação escolar, profissional, política?

Sou sobrinha-neta do barão de Studart,¹ que também era súdito do rei Jorge V, por seus méritos como historiador. Foi um grande historiador do Ceará, o velho barão de Studart, que hoje dá nome à principal rua de Fortaleza. Isso, pelo lado materno. As pessoas, desse lado, eram de formação aristocrática. Até os sete anos me criei num casarão onde havia seis empregadas na cozinha. Há até um dado curioso: as seis eram brancas, porque no Ceará houve muito pouca presença do africano, e uma delas, Marciana, tinha olhos azuis. Assim mesmo diziam: “Heloneida gosta de estar o tempo todo com as negras da cozinha...” O que me prova que o negro é o pobre do mundo. Não é o negro que é o negro, é o pobre que é o negro. Pelé, por exemplo, eu não diria que é negro.

Fui criada dessa maneira, mas havia também o lado da família do meu pai, dos Bezerra de Menezes, que sempre foi profundamente subversivo. Meu trisavô Antônio Marcos Bezerra de Menezes foi o ministro da guerra da Confederação do Equador, aquele famoso movimento libertário que houve no Nordeste, e foi condenado à morte pela Coroa. Meu tio Antônio Bezerra de Menezes, que também dá nome a uma famosa avenida de Fortaleza, foi o abolicionista mais destacado do Ceará e por isso foi deserdado e posto para fora de casa pelo pai, fazendeiro conhecido. Ele roubava os escravos das fazendas dos amigos do pai, colocava-os em jangadas e ia libertá-los no Rio Grande do Norte. Até que o pai descobriu essas façanhas...

Fui, portanto, uma pessoa colocada numa espécie de encruzilhada.

Como eram seus pais?

¹ Guilherme Studart (1856-1938) foi médico, jornalista, historiador e geógrafo no Ceará. Formado em medicina na Bahia, exerceu a profissão em Fortaleza, além de várias outras atividades, entre as quais a de vice-cônsul da Inglaterra, em substituição ao pai, o inglês John William Studart. Além de ter deixado extensa bibliografia, participou da fundação de importantes instituições no Ceará, como o Centro Abolicionista (1884), o Instituto Histórico do Ceará (1887), a Academia Cearense de Letras (1894) e o Círculo dos Operários Católicos de Fortaleza (1915). Em 1900 recebeu o título de barão do papa Leão XIII. Ver *Grande enciclopédia Delta Larousse* (Rio de Janeiro, Delta, 1977).

Meu pai era de Baturité, no interior do Ceará. Era Soares Bezerra de Menezes, mas naquelas brigas do Nordeste as pessoas mudavam de nome, e ele se assinava Vicente Soares. Era uma pessoa extremamente à frente do seu tempo. Não só era muito intelectualizado, apesar de ser um funcionário público, como sempre me estimulou a trabalhar e a crescer. Quando fiz 10 anos, abriu a sala, que tinha virado a biblioteca dele, com dois mil livros, e disse: “Agora isto é seu”. Não tinha curso superior, fez apenas um curso de contabilidade, mas era um cara extremamente sofisticado, falava francês, lia todos os clássicos, conhecia a obra de Vieira, conhecia profundamente Machado de Assis, Eça de Queirós. Era muito instruído, meu pai. Minha mãe era a mulher mais bonita da família Studart, muito interessante, voluntariosa. E eu fui criada, como qualquer moça das velhas famílias, para ser mãe de família e dona de casa. Todas as manifestações de que eu ia ser escritora e jornalista — porque eu sempre quis ser escritora e jornalista, como sou — eram levadas na brincadeira. Eram vistas como veleidades de menina: “Quando você crescer, quando arranjar o primeiro namoradinho, isso passa...” Não passou.

Estudei no Colégio da Imaculada Conceição, das irmãs de caridade vicentinas, em Fortaleza, e ainda no tempo de escola, com 16 anos, comecei a escrever no jornal *O Nordeste*. Com 18 anos, escrevi um romance que se chamava *A primeira pedra*. Depois que acabei, li o romance, gostei, achei que era muito bom — eu mesma, imaginem! — e pensei com os meus botões: eu nunca vou publicar esse livro no Ceará; se não for embora para o Rio de Janeiro, não vou conseguir nem ser escritora, nem ser jornalista profissional, como eu quero. Eu tinha um tio que morava no Rio, Osvaldo Studart — era deputado pelo PSD e a Câmara ainda funcionava aqui —, botei o livro debaixo do braço e vim. E vocês não vão acreditar: consegui a editora! O livro foi publicado pela Saraiva e teve uma excelente crítica. Isso foi em 1952, por aí. O livro seguinte, de 55, foi um romance chamado *Diz-me o teu nome* e logo de saída tirou dois prêmios, o da Academia Brasileira de Letras e o Orlando Dantas. Sendo que ao prêmio Orlando Dantas, que era organizado pelo *Diário de Notícias*, concorriam Gerardo Mello Mourão, que é um tremendo escritor — o povo não gosta dele porque diz que é de direita, mas é um tremendo escritor —, e outro que naquele tempo fazia muito sucesso, cujo nome não me ocorre agora. Mas o meu livro, que era um livro de estreante, de uma jovem nordestina desconhecida, tirou esses dois prêmios. E quem fez o prefácio foi Alceu Amoroso Lima, que prognosticava para mim uma excelente carreira.

Sindicato e filharada

Quando veio para o Rio, a senhora entrou para uma faculdade ou foi trabalhar imediatamente?

Fui trabalhar imediatamente. Também sou, de certa maneira, uma autodidata. Fiz muitos cursos de extensão, de diversas qualidades, posso dizer que sou uma mulher culta, mas sou autodidata. Quando vim para o Rio fui logo trabalhar no Sesi.² Lá escrevi uma tese sobre favela que fez muito sucesso, e eles me contrataram para comandar uma experiência nova que estavam tentando, extremamente interessante: a de uma biblioteca ambulante, que consistia num ônibus com um acervo de 500 livros, um microfone que transmitia para fora e uma aparelhagem de cinema que passava filme em qualquer parede. O trabalho era emprestar livros nos conjuntos habitacionais de trabalhadores — o governo Getúlio tinha feito vários desses conjuntos, como o da Piedade, o da Penha, o de Bonsucesso. Cada dia o ônibus ia a um desses conjuntos, parava na praça, anunciava a sua chegada pelo microfone, eu fazia uma pequena palestra educativa, sempre sobre saúde — como se fosse, hoje, sobre Aids; naquele tempo era sobre a saúde da mulher, higiene, essas coisas —, e depois oferecia os livros de empréstimo e passava um filme, também de caráter educativo. O curioso é que nenhum livro nunca foi roubado. Você deixava o livro ali, voltava àquele conjunto 15 dias depois, os trabalhadores e suas mulheres devolviam o livro e pegavam outro. Havia um fichário e tudo.

Esse trabalho teve uma grande função na minha politização. Passei a ter um contato direto com os operários, eles falavam comigo, e fui me aprofundando na questão da injustiça social. Foi aí que começou a minha militância política. Eu escrevia ao mesmo tempo no *Correio da Manhã* e no *Diário de Notícias*, mas tinha um grande entusiasmo pela biblioteca ambulante, era um trabalho de que eu gostava muito, que me dava muita gratificação. E era realmente importante, tanto que no primeiro dia da ditadura, acabou. Em 1963, estando eu ainda lá, me enturmei com um professor chamado José Cândido Filho, militante do Partido Comunista, um homem muito brilhante. Eu tinha uma liderança bastante significativa dentro da minha categoria, no

² O Serviço Social da Indústria (Sesi) foi criado em 1946 com o objetivo de estudar, planejar e executar medidas que proporcionassem o bem estar social dos trabalhadores na indústria e atividades similares. É subordinado à Confederação Nacional da Indústria (CNI). Ver *DHBB*, op. cit.

Sesi, no Senai, no Sesc, no Senac, na LBA,³ em todas essas entidades culturais, e o José Cândido me convidou: “Helô, vamos organizar um sindicato para a nossa categoria? Estamos há quatro anos sem aumento e não temos uma associação profissional. Somos uma categoria de classe média alienada.” Fizemos, então, primeiro, uma associação profissional, da qual ele foi presidente e eu vice, e aí pedimos a carta sindical. Eu era muito amiga do Hércules Correia,⁴ que naquele tempo era o presidente do CGT — Comando Geral dos Trabalhadores, que hoje equivaleria à CUT — e também estava no comando do PUA — Pacto de Unidade e Ação —, e o Hércules nos ajudou a conseguir a carta sindical, que saiu no fim do ano. Uma vez transformada a associação em sindicato, o Senalba,⁵ alugamos uma sede na Cinelândia, por cima do Amarelinho, quarto andar, sendo o Cândido presidente, eu vice, e outras pessoas compondo a direção. Logo de saída organizamos uma greve que foi vitoriosa, tanto que conseguimos um aumento de 40%.

A quem esse sindicato englobava?

Nós englobávamos o pessoal do Sesi, Sesc, Senai e Senac, LBA, Clube de Engenharia, Academia Brasileira de Letras... Entidades assim. Eu e o José Cândido fomos levando o sindicato, até que em 64 veio o golpe. Nessa ocasião o sindicato teve um trabalho muito relevante, porque, como era uma entidade nova, não tinha feito grandes campanhas, não foi muito visado. Não era um sindicato de classe operária, era mais de camadas médias, e foi não digo nem preservado, mas esquecido. Enquanto isso, o Sindicato dos Têxteis era invadido, sofria intervenção, o Sindicato dos Bancários era destruído — até o gabinete dentário foi destruído —, Hércules Correia era procurado

³ Senai: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial; Sesc: Serviço Social do Comércio; Senac: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial; LBA: Legião Brasileira de Assistência.

⁴ Hércules Correia nasceu em Cachoeiro do Itapemirim (ES) em uma família operária de tradição comunista. Em 1942 mudou-se para o Rio de Janeiro e trabalhou como engraxate e depois como operário têxtil. Em 1944 entrou para o PCB e posteriormente fez cursos em Moscou e foi líder sindical. Em 1960 elegeu-se deputado constituinte no estado da Guanabara na legenda do PTB. Em 1962 participou da criação do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), organização intersindical não reconhecida pelo Ministério da Trabalho, de cuja direção executiva passou a fazer parte, e foi eleito para a Assembléia Legislativa da Guanabara. Em 1963 foi eleito presidente do Sindicato dos Têxteis da Guanabara. Após o golpe de 64, teve o mandato cassado e os direitos políticos suspensos por 10 anos. Continuou militando clandestinamente no PCB e em 1967 foi eleito membro do comitê central do partido. Em 1971 passou a integrar a comissão executiva do PCB e em 1974 viajou para Moscou. Em 1979, com a anistia, retornou ao Brasil. Em 1982 candidatou-se a deputado federal na legenda do PMDB, mas não foi eleito. Ver *DHBB*, op. cit.

⁵ Sindicato dos Empregados em Entidades Culturais, Recreativas, de Assistência Social de Orientação e Formação Profissional do Município do Rio de Janeiro.

vivo ou morto, Palhano⁶ também. Nos sindicatos poderosos, houve uma repressão violentíssima em cima das entidades e dos dirigentes: muitos foram presos, outros se exilaram, e nós ficamos.

Era rigorosamente proibido pela ditadura reunir num sindicato categorias diferentes. Só se podia se reunir bancário com bancário, têxtil com têxtil, porque de outra maneira era encarado como subversão. Mas eu disse: “Zé Cândido, vamos romper com isso, não vamos aceitar isso, não. O governo já decretou o arrocho salarial, os trabalhadores vão ficar sem aumento... Vamos reunir aqui, no nosso sindicato que é pequeno, que não está dando na vista, as categorias mais diferentes, mesmo ao arripio da lei deles — porque a lei deles não é a lei, é a lei deles.” E aí começamos a fazer isso.

A senhora se aproximou do Partido Comunista nessa época da formação do Senalba? Chegou a ingressar no partido?

Eu estava muito perto do Partido Comunista nesse momento. Zé Cândido era do partido. Era um quadraço! E a uma certa altura, depois do golpe, cheguei também a me filiar. Mas antes do golpe, não, apenas as minhas ações eram próximas, havia intercâmbio, uma afinidade muito grande. A aproximação foi acontecendo a partir da luta sindical. Zé Cândido me apresentou ao professor Saldanha, presidente do Sindicato dos Professores, que era do partido, um homem admirável, foi me apresentando aos demais líderes sindicais, todos do partido, e me aproximei.

José Cândido Filho teve portanto um papel muito importante na sua formação política. Hércules Correia também?

Zé Cândido sim, Hércules não. Com o Hércules, eram contatos mais de cúpula. Nós o procurávamos para ele nos ajudar a tirar carta sindical, esse tipo de coisa. Mas a discussão política, o debate político, a análise política era feita com Zé Cândido, Saldanha... Eu era jovem nessa época, tinha trinta e poucos anos.

⁶ Aluísio Palhano, membro do PCB desde 1944, foi presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro e em 1961 liderou uma greve geral da sua categoria. Em 1963 foi eleito presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Crédito (Contec) e passou também a integrar a diretoria do CGT. Com o golpe de 64, teve seus direitos políticos cassados e exilou-se no México. Em seguida viajou para Cuba, onde presidiu o Congresso da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS) em 1967. Retornou ao Brasil em 1970 e passou a atuar como militante da

Já era casada?

Era e tinha seis filhos. Casei em 1952 e em 10 anos tive os seis.

Seis filhos! Como a senhora conheceu seu marido? Quem era ele?

Eu o conheci quando fui fazer uma palestra com o ônibus do Sesi numa fábrica de tecidos. Ele era o gerente da fábrica, um jovem húngaro, muito bonito, um atleta. Franz Urban. Tenho aí um retrato do meu casamento, bem caretão mesmo. Foram seis filhos homens. Hoje, dois são advogados.

Como a senhora conciliava tantos filhos com o trabalho, com o sindicato?

Era difícil conciliar. Havia dia em que eu levava para o sindicato os três menores. Botava-os numa sala ao lado com vários brinquedos e de vez em quando interrompia o trabalho para ir lá dar mamadeira para o menorzinho, ver se o outro tinha molhado a fralda, essas coisas de mãe.

Seu marido aceitava bem seu trabalho? Porque ele era de um meio profissional diferente do seu.

Ele nunca partilhou o que eu fazia, mas não se metia, não. Até porque nós fizemos um acerto. Ele tinha muita vontade de casar e eu nem tanto. Aí eu disse: “Está bem, mas tenho condições. Eu sempre vou exercer a minha profissão de jornalista, sempre vou ter a minha vida autônoma, não vou ter nunca uma vida pendurada em você. E você também, faça na sua carreira o melhor que puder.”

Voltando ao sindicato: como prosseguiram as atividades durante o regime militar?

Em 66, a barra começou a ficar muito pesada, as coisas começaram a se complicar, e o professor José Cândido chegou para mim e disse: “Olha, Heloneida, não

Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Em maio de 1971 foi preso e morto no Doi-Codi de São Paulo. Ver *DHBB*, op. cit.

dá mais para eu continuar a ser presidente do sindicato. Sou muito queimado, tenho ficha no Dops, tenho um passado, e você não. Vou passar a presidência para você. Agora, você sabe dos riscos, tem as suas crianças... Veja se dá para aceitar. É muito arriscado. A qualquer hora você pode ter que se exilar, pode ser presa..." Eu disse: "Não tem nada, não. Estamos aí." E assumi a presidência, de modo que, quando chegou o AI-5, era eu a presidente do sindicato. E aí, o que foi o que aconteceu? O sindicato tinha feito um trabalho admirável de articulação com os outros sindicatos: foi lá que se criou a expressão "arrocho salarial", foi lá e no Sindicato dos Têxteis que se articulou a primeira manifestação de rua contra o arrocho, que aconteceu na praça da Bandeira e reuniu mil pessoas — para vocês verem como os trabalhadores eram muito mais mobilizados do que hoje. Pois bem. Pouco depois, recebi uma portaria do Passarinho dizendo que eu estava destituída, pelo AI-5, da presidência do sindicato e que eu passasse o cargo ao vice. E, um ou dois dias depois dessa instrução, fui presa.

A prisão e suas marcas

Como foi sua prisão?

Fui presa na minha casa, por um inspetor e dois outros caras. Eu morava numa casa alugada na Usina da Tijuca, casa grande, com quintal, na direção do morro do Sumaré, e ali fui presa, na presença dos meus filhos pequenos. Os que eram muito pequenos não entenderam, mas para o meu filho mais velho, que já tinha uns 11, 12 anos, foi uma coisa muito traumática. Acho que ele guardou marcas eternas disso. Mas aconteceu uma coisa muito curiosa. Eu separei a minha agenda, botei em cima da mesinha e olhei para o meu filho, esse mais velho, que era para ele destruir a agenda. Porque eles tinham uma política de, quando prendiam uma pessoa, levar a agenda e prender todas as pessoas que estavam ali, fosse velho, fosse novo, tivesse a ver, não tivesse. Felizmente meu filho entendeu, pegou a agenda e depois queimou. Na hora de sair, eu acompanhei os caras, e ele desceu as escadas atrás de mim. Os pequenos não, porque não entenderam o que estava acontecendo. Eu disse: "A mamãe vai ter que voltar ao sindicato, ficou uma coisa pendente, e a mamãe volta daqui a pouco." Ficou com eles uma empregada que tinha sido minha própria babá e também não entendeu nada. Ninguém entendeu. Só eu sabia o que estava acontecendo.

Meu filho desceu comigo até a porta, e o meu filho lançou para ele. Dentro do camburão, ele meteu a mão no bolso, tirou a carteira, tirou uma foto pequenininha de uma criança, me mostrou e disse: “Veja, esse é o meu filho. Tomara que ele nunca saiba o que eu fiz com o seu.” Ele passou vários anos com esse problema na consciência. Depois me procurou. Já tinha feito concurso para juiz, encontrou com um amigo dele que era meu amigo e pediu que o levasse até mim na Assembléia. Chegou lá e disse: “Deputada, vim aqui para tirar da consciência um remorso que amargurou a minha vida inteira. Não posso me esquecer do olhar do seu filho para mim.” Eu não contei que meu filho tinha realmente ficado muito marcado. Disse: “Isso acontece, você não tem culpa, estava fazendo o seu dever. Mandaram, você fez.”

Na prisão, me lembro que aconteceram alguns fatos engraçados. Fui para a rua da Relação, presídio São Judas Tadeu. Quando cheguei lá, fui pegar um uniforme na rouparia, e a roupeira estava com os olhos cheios de lágrimas. Eu, aliás, tive uma experiência muito fácil com aquelas presas, que eram todas criminosas. Elas eram profundamente solidárias. Uma fazia a minha cama, a outra lavava a minha roupa... Diziam: “Deixa a gente fazer, que a senhora não tem o costume...” Mas a tal roupeira ficou com os olhos cheios d’água quando me entregou o uniforme. Disse: “Ah, meu Deus, que horror! Uma pessoa como a senhora estar presa aqui! Quando a dona Niomar Sodré” — a Niomar, do *Correio da Manhã*, tinha sido presa⁷ — “chegou aqui e eu dei essa roupa pra ela, ela caiu no chão desmaiada...” Eu disse: “Sabe por que ela caiu no chão desmaiada? É porque ela se veste nos costureiros de Paris. Mas eu, que me visto ali na Mesbla, não vou cair desmaiada, não, pode ficar tranqüila...”

Lá conheci também uma ladra chamada Damiana. A Damiana tinha sido presa e condenada a um ano de cadeia em regime fechado porque tinha roubado um vestido da patroa. A mulher não pagava o salário dela havia três meses, ela achou que devia se ressarcir roubando o vestido, roubou, e a mulher foi à delegacia e deu queixa. Mas ela só foi presa dois anos depois, casualmente, numa batida na favela onde estava morando, já casada e com um bebê de três meses. Tiraram o bebê do colo dela, deram para a vizinha segurar, e ela foi em cana. Ela prostrou-se numa cama, não comeu, não dormiu mais, só fez chorar. Chorou durante oito dias seguidos. O diretor do presídio, seu Osvaldo, um policial que tinha se convertido ao espiritismo depois de velho — dizia

⁷ Niomar Moniz Sodré Bittencourt, viúva de Paulo Bittencourt e proprietária do *Correio da Manhã*, foi presa em março de 1969, junto com os jornalistas Osvaldo Peralva e Nelson Batista, devido às posições assumidas pelo jornal, contrárias ao regime autoritário. Ver *DHBB*, op. cit.

assim: “Já fiz muita barbaridade, mas depois que conheci a bondade de Jesus, me transformei noutra homem...” —, ficou com pena dela e pediu permissão ao chefe de polícia para ela trazer o filho. O chefe de polícia era um general do Exército, até extremamente bonito, que disse: “Você pode ficar com a criança contanto que ela não chore. Não pode incomodar as outras presas.” Ela disse que a criança não chorava. A cama era um beliche, ela ficava embaixo, eu em cima, e a criança ficava num carrinho de bebê. Quando o menino fazia “hum”, ela botava a mão nele: “Ele está dormindo...” Impressionante! O menino já estava com um ano, era um “ai, Jesus”, as presas todas passavam a mão, o adoravam, e ele não chorava, ficava quieto; pelo menos, quieto a noite inteira. Como se o choro perturbasse as presas... Mesmo porque, a sala de cima era a sala de tortura. Era chamada de “Ratão”, porque tinha ratos enormes, que deviam fazer parte da tortura — pelo menos das mulheres, porque eu nunca vi homem ter medo de rato. As torturas começavam por volta de 11 e meia, meia-noite, e iam até as quatro da manhã. Eu nunca dormi uma noite lá, por causa das torturas. Você ouvia nitidamente os gritos, os xingamentos, as ameaças. Um dia, perguntei à Damiana: “Vocês não ouvem os barulhos que vêm da sala de cima?” Ela disse assim: “Não, não dá, porque se a gente for ouvir não dorme nunca mais. Como a gente precisa dormir, no começo ouve, mas depois deixa de ouvir.” Ninguém ouvia.

Durante o curso do tempo em que fiquei presa, 12 dias, estava sendo torturado lá em cima um comunista chamado José Rodrigues, que era motorista de táxi. Ele tinha sido flagrado num apartamento no subúrbio com um mimeógrafo, uma máquina de escrever e várias pilhas do jornal *Voz Operária*. Como era um homem simples, escolheu a seguinte tática: negar. Eles diziam assim: “E aquele mimeógrafo?” Ele: “Não sei. Não é meu.” Eles: “E aquela máquina?” “Também não sei.” “Mas não é sua?” “Não.” “Quem botou ali?” “Não sei.” Ele negava a evidência e sustentava, com uma coragem incrível. Eles arrebitaram esse homem de tudo quanto foi jeito, e ele nunca falou nada, nunca entregou ninguém. Era ele que estava sendo torturado na ocasião em que eu estava lá. E a Damiana ali embaixo, com o filho que não chorava porque tinha sido reprimido. Baseada no caso dela, depois, escrevi um “Caso Verdade” para a TV Globo.

O que a senhora fez ao sair da prisão?

Quando saí da prisão, tinha sido demitida do Sesi. Mas eles foram decentes, porque me pagaram todos os meus direitos. Me chamaram e disseram: “Heloneida, nós

não temos condição de manter você. A pressão dos militares é muito grande, mas você sempre foi uma funcionária magnífica, mesmo na presidência do sindicato você lutou muito, mas com lealdade, e então nós vamos pagar todos os seus direitos trabalhistas, sem faltar nada.” Podiam não ter pago. A maioria das pessoas não recebeu nada quando foi demitida. De qualquer maneira a barra ficou pesada, porque não arranjei mais emprego em nenhum jornal. Inclusive eu me lembro que fui ao *Correio da Manhã*, onde já tinha escrito muitas vezes, mas na ocasião o *Correio* tinha passado para a mão dos Alencar,⁸ e eles nem sequer me receberam. Marcello Alencar era meu amigo pessoal e não me recebeu. Era como se eu estivesse com a peste. Foi um ano muito difícil.

Finalmente, um dia, me encontrei na rua com Raimundo Magalhães Júnior, historiador excelente. Raimundo era um grande admirador da minha literatura, tanto de *A primeira pedra* quanto de *Diz-me teu nome*, perguntou o que eu estava fazendo, e respondi: “Estou desempregada. Não consigo trabalho em lugar nenhum.” Ele disse assim: “Ah, que absurdo! Um texto como o seu! Vou levar você à *Manchete*, vou apresentá-la ao Justino Martins.” Chegou lá: “Justino, trouxe uma amiga minha que escreve maravilhosamente bem. Bota ela para trabalhar aí.” Disse o Justino: “Não pode ser assim. Vamos fazer um teste com ela. Eu quero fazer um encarte de 25 páginas para a revista *Desfile* sobre mãos” — ele tinha visto uma matéria assim na *Paris Match*. “Desde a mão do macaco até a mão do Rubinstein. Quero que ela me prepare isso.” Fui para a biblioteca, fiz uma pesquisa, escrevi o encarte na minha maquinazinha Olivetti, Justino leu, olhou para mim com aquela cara dele muito impassível e disse: “Sente ali naquela mesa. De onde não sairá nunca mais!”

Aí tivemos que enfrentar Adolfo Bloch, que passou pelo vidro e disse: “Ih! Eu vi uma das mulheres do Justino ali sentada” — Justino era um famoso mulherengo. “Ele agora deu pra isso. Toda vez que vê uma moça engraçadinha, quer botar pra trabalhar na minha revista.” Eu, naquele tempo, era muito puritana. E era nordestina. Quando passou pela minha cabeça que ele estava achando que eu era um caso do Justino, fiquei indignada, subi até a sala dele e disse meia dúzia de coisas ao velho. Mas a cabeça dele trabalhava de uma maneira que ninguém entende até hoje, funcionava muito ao contrário. Ele levou a bronca, olhou para mim e disse assim: “Você é inteligente.” Telefonou: “Justino, manda a carteira dela pra eu assinar.” Pronto, fiquei lá oito anos, de

⁸ Após sucessivos problemas com o governo militar, o *Correio da Manhã* enfrentou uma série de crises financeiras e foi por isso arrendado a um grupo liderado por Maurício Nunes de Alencar, irmão de Marcello Alencar. A partir daí, o jornal assumiu uma linha editorial governista. Ver *DHBB*, op. cit.

70 a 78. Fiquei no corpo de redação, fiz muita matéria de capa, até que um dia recebi uma proposta para ir fazer um jornal feminino no *Globo*. Eles até disseram: “Você escolha o seu salário.” Mas não fui, estava bem na *Manchete*.

Depois que saiu da prisão, a senhora continuou atuando politicamente?

Continuei. Voltei para o Partido Comunista. Outra coisa que fiz, também, foi um trabalho, junto com um grande amigo meu do comitê central do partido, para fundar uma editora. Era Luiz Ignácio Maranhão Filho. Ele tinha a idéia de fazer uma editora que publicasse ensaios de cristãos e de marxistas, porque seguia muito aquela linha italiana, do PCI, de entrosamento da Igreja com os marxistas. Era um homem extremamente inteligente e corajoso, uma das melhores pessoas que já conheci na vida, como caráter, como tudo. Dizia: “Helô, se eu chegar lá na minha terra, no interior do Rio Grande do Norte, e disser para o camponês ‘vamos fazer a reforma agrária’, ele vai responder que isso é conversa de comunista. Mas se o padre da paróquia chegar e disser ‘Deus deu a terra para todos’, ele não vai dizer isso. A gente só consegue mudar esse país com a Igreja Católica. Sem ela, não consegue. De modo que temos que trazer a Igreja para o nosso lado. Temos que escrever numa editora que seja nossa e que seja dela.” E ele então fundou a editora Encontro, que funcionava numa sala perto do meu sindicato, na Cinelândia. Chegou a publicar dois ensaios. Não me lembro mais quem colaborou, mas sei que Tristão de Athayde fez o prefácio de um dos livros.

Luiz Inácio Maranhão morreu na tortura. A mulher dele só teve certeza de que ele tinha morrido quando, depois de procurar por todo lado, chegou a São Paulo e foi conversar com dom Evaristo.⁹ Disse que continuava sem localizá-lo, olhou para dom Evaristo, e ele estava chorando. Aí ela compreendeu que ele sabia que o Luiz tinha morrido. Ele foi torturado até a morte. Isso em 75, já no governo Geisel. Foi preso naquela leva em que caiu o comitê central inteirinho.¹⁰

⁹ Dom Paulo Evaristo Arns foi nomeado arcebispo de São Paulo em 1970 e transformou a arquidiocese em uma frente de defesa dos direitos humanos. Colocou-se ao lado dos parentes dos presos políticos, visitando os quartéis e denunciando a tortura. Ver *DHBB*, op. cit.

¹⁰ De 1974 a 1976 o número de militantes do PCB que foram presos é calculado aproximadamente entre 700 e mil. Dez dos 20 integrantes do comitê central foram mortos então pelos órgãos de repressão: David Capistrano da Costa, Luiz Ignácio Maranhão Filho, João Massena Melo, Válter Ribeiro, Elson Costa, Jaime do Amorim Miranda, Hiram Lima Pereira, Itaci José Veloso, Orlando Bonfim Jr. e Nestor Veras. Os membros do comitê que restaram foram obrigados a deixar o país, e o partido sofreu uma grande desestruturação. Ver *DHBB*, op. cit.

Na redação da *Manchete* eu também me tornei amiga de Zuzu Angel.¹¹ Ela me procurou muitas vezes na redação, e daí surgiu uma amizade muito grande entre nós. Ela levava aquelas pilhas de documentos que tinha sobre o filho, e estava, coitada, debaixo de uma dor que nunca baixava. Tinha dias em que, quando eu a via, começava a suar de angústia, porque era uma coisa horrível a convivência com o sofrimento dela. Ela me dizia que eles iam matá-la, e eu dizia que não: “Zuzu, não vão matar você, porque você não é uma mulher política, você não pertence a partido, não tem militância. O que é que você é?” Ela dizia: “Eu só sou uma mãe desesperada.” Mas eles a mataram, ela tinha razão. O drama de Zuzu teve uma grande força na minha vida, tanto que eu escrevi uma trilogia da tortura, e um dos romances, que se chama *Estandarte da agonia*, é inspirado nela, na mãe que um dia espera o filho para jantar e o filho não vem. Esse romance foi até cogitado para virar uma minissérie na Globo, mas depois disseram que ainda não era tempo. Quer dizer, não vai chegar o tempo nunca. Há quanto tempo a ditadura acabou?

O movimento feminista

A senhora foi uma das líderes do movimento feminista do Rio de Janeiro na década de 1970. O que a levou a participar disso?

Posso dizer que feminista eu já era, desde menina. Nasci e fui criada numa família nordestina onde as mulheres realmente não eram ninguém, eram passadas da mão do pai para a mão do marido como verdadeiras crianças. Até hoje tenho primas no Ceará, idosas já, que não sabem assinar cheque. Menina de uma família dessas, criada nesse ambiente, sempre achei que as mulheres eram injustiçadas, eram minorizadas, eram negadas, e que eu precisava lutar contra isso, tinha que trabalhar, tinha que fugir

¹¹ Zuzu Angel, estilista, teve seu filho, Stuart Edgard Angel Jones, militante do MR-8, preso em 14 de junho de 1971, no Rio de Janeiro. Um outro preso político, Alex Polari de Alverga, testemunhou sua tortura e morte por asfixia, com a boca presa ao cano de descarga de um jipe, e relatou o fato a Zuzu em uma carta. Desde o desaparecimento de seu filho, Zuzu denunciou sua prisão, tortura e assassinato nas dependências do Exército, bem como a ocultação de seu cadáver. Levou esses fatos à imprensa estrangeira e escreveu cartas para o senador Edward Kennedy, que expôs o caso ao plenário do Senado americano, e para o então secretário de Estado Henry Kissinger. Zuzu morreu em 14 de abril de 1976, aos 49 anos, num acidente de carro que foi considerado por muitos um atentado da repressão. Em 1996, a Comissão Especial do Ministério da Justiça que analisou a questão dos desaparecidos políticos reconheceu a responsabilidade do Estado brasileiro sobre a morte de Stuart Angel. Dois anos depois, faria o mesmo em relação a Zuzu. Ver <http://www.torturanuncamais.org.br>, e *Folha de S. Paulo*, 26 de março de 1998.

daquele destino de ser uma noiva primeira-comungante como as minhas primas, que se casavam dentro de casa com 17, 18 anos. Eu tinha uma visão muito individual, mas tinha um sentimento profundo da injustiça daquela condição feminina. Era uma coisa mal formulada, não elaborada, mas muito intensa. E acho até que, junto com a vontade de fazer uma carreira literária, foi o que me trouxe ao Rio de Janeiro com 18 anos. Mantive sempre esse sentimento e conheci outras mulheres que tinham um sentimento parecido.

Comecei a ler sobre o movimento feminista — Simone de Beauvoir, aquelas autoras americanas — e acabei formando uma base teórica. Em 1975, fui ao Congresso Internacional de Mulheres no México, que foi uma coisa impressionante. Eu já tinha até ido a um congresso de mulheres em 1963 na União Soviética, mas o do México foi muito melhor. Na União Soviética a coisa foi meio triunfalista, aquela astronauta Tereshkova tinha acabado de chegar do espaço,¹² e eles estavam no auge não só do seu crescimento, como das suas fantasias de potência internacional. Você chegava lá e tinha a impressão de que aquilo ia dar certo mesmo, não havia uma criança fora da escola, um homem desempregado. Mas, como revelação de uma dor de mulher, de uma discriminação de mulher, como definição da questão feminina, achei o congresso do México muito mais importante. Aquele encontro me impressionou profundamente, porque ali era mesmo a questão da mulher que estava em pauta, você via a chinesa, a africana, a americana, a européia, todas as mulheres com uma profunda queixa da condição feminina. Foi ali que eu vi que a grande opressão da mulher não está no código, não está na lei, não está no escritório: está dentro de casa, na relação homem-mulher. Havia mulheres de todas as partes do mundo, e todas tinham algum tipo de queixa. Por exemplo, as sudanesas e as etíopes se queixavam das mutilações. As do Oriente Médio se queixavam do véu, do aprisionamento, de não poderem ir à rua tomar um café, ir ao cinema. As americanas se queixavam de fazer todo o serviço doméstico, muitas européias se queixavam de apanhar dos maridos, assim como as latinas. Enfim, havia uma queixa geral desse sofrimento e dessa discriminação, dentro da relação homem-mulher. As mulheres diziam “ah, eu sou doutora em letras, sou piloto de avião”, mas dentro de casa o marido fazia isso, o pai ou o irmão faziam aquilo.

Terminado o Congresso Internacional do México, de volta ao Brasil, eu, Moema Toscano, Branca Moreira Alves, Rose Marie Muraro, Fanny Tabak, Maria do Espírito

¹² Valentina Vladimirovna Tereshkova, astronauta russa, foi a primeira mulher a fazer uma viagem espacial, a bordo da *Vostok 6*, de 16 a 19 de junho de 1963.

Santo Cardoso, que é conhecida como Santinha, médica, nos reunimos, começamos a conversar e resolvemos fundar o Centro da Mulher Brasileira, que foi a primeira organização feminista do país.¹³ Outras organizações já haviam lutado pelas mulheres no Brasil: a União pelo Progresso Feminino, por exemplo, da dra. Bertha Lutz, lutou muito pelo voto das mulheres.¹⁴ Mas essas organizações denunciavam leis atrasadas, códigos ultrapassados. Nós, não. Nós não só denunciávamos os códigos e as leis, como, principalmente, denunciávamos a discriminação dentro da relação homem-mulher. Considero o nosso centro, até hoje, o mais sério de todos os que houve no Brasil. Pouco depois foram criados outros grupos, mas o que eu sempre considerei o melhor, porque era realmente um grupo que estudava, que se correspondia com universidades, com grupos de mulheres da França, dos Estados Unidos, era o nosso. Era muito interessante. E como havia muitas sociólogas, entre elas Moema Toscano, conseguimos fazer algumas pesquisas que nos fizeram saber que quem sustenta este país são as mulheres, carregando tudo nas costas. São as mulheres pobres, que sustentam sozinhas a maioria das famílias, que criam os filhos sem ajuda.

Agora estou me lembrando que ainda antes da fundação do Centro da Mulher Brasileira eu já tinha publicado o livro *Mulher, objeto de cama e mesa*, que foi e continua sendo um tremendo *best-seller*.¹⁵ Agora mesmo estão tirando a 29ª edição.

Seu interesse pelo feminismo era mais antigo mesmo. Como foi a história desse livro?

Foi assim: frei Ludovico, que dirigia a Editora Vozes — Rose Marie Muraro também dirigia, mas quem mandava mesmo era frei Ludovico —, era um franciscano de idéias extremamente arejadas para o seu tempo e publicava na Vozes, que é editora católica, sustentada pela Igreja, livros extremamente avançados. Levou isso tão longe que transformou a Vozes, que era uma editora relativamente pequena, de publicações católicas e confessionais, numa empresa poderosa — hoje está decadente. Eram livros de toda espécie de gente: de frei Betto, da própria Rose Marie Muraro, de autores estrangeiros, muitos livros verdadeiramente revolucionários na área de comportamento. Um dia, frei Ludovico, que era meu amigo, me chamou à editora e me convidou para

¹³ O Centro da Mulher Brasileira foi fundado em 14 de julho de 1975.

¹⁴ Bertha Lutz (1894-1976), então naturalista do Instituto Oswaldo Cruz, fundou em 1922 a Federação Brasileira para o Progresso Feminino. Em 1932 participou da fundação da Liga Eleitoral Independente e atuou até o fim da vida em movimentos de defesa dos direitos das mulheres. Ver *DHBB*, op. cit.

¹⁵ *Mulher, objeto de cama e mesa* foi lançado pela editora Vozes em 1974.

escrever um livro para uma coleção que estava fazendo. Até me mostrou um exemplar que tinha uma diagramação toda diferente, feito um xadrezinho: “Faça um livro sobre a condição da mulher. Pode fazer o que quiser, escreva o que achar. Alguma coisa bem contundente. E a gente publica.” Eu estava procurando um título, e um amigo meu sugeriu: *Mulher, objeto de cama e mesa*. Pensei: “Ih! isso não vai passar numa editora católica...” Cheguei lá, mostrei o título a frei Ludovico, e ele disse: “Vamos publicar!” Publicou, e caiu que nem uma bomba. Foi adotado em não sei quantas universidades. Já vendeu mais de 260 mil exemplares. Nunca mexi nele, está como era.

Como funcionava, na prática, o Centro da Mulher Brasileira? Havia reuniões?

Nós nos reuníamos toda semana. O centro tinha sede, telefone, criamos um jornal, tínhamos penetração nas associações de moradores, nos sindicatos, em todo lugar onde houvesse mulher. Tínhamos presença. A polícia também ia a todas as reuniões, ficava lá na porta do prédio... Não cheguei a ser presidente do Centro da Mulher porque tinha muitas atividades, mas Moema Toscano foi presidente várias vezes. É a atual presidente. O centro ainda existe. Uma coisa interessante é que o Centro da Mulher Brasileira não cresceu muito como organização, não teve muita militância, mas cresceu enormemente como idéia. Foi como se lançasse uma semente e ela proliferasse. A idéia feminista hoje é uma coisa divulgadíssima. Quando a Moema diz: “Pôxa, Helô, nós trabalhamos tanto, e o movimento ficou sempre tão pequeno”, eu digo: “Não, Moema, você está enganada. Ficou pequena a organização do movimento, mas a idéia feminista se propagou que nem um rastilho de pólvora.” Hoje, você chega a uma favela, e qualquer mulher diz assim: “Ah, o negão diz que é pra eu não ir na associação de moradores, que lugar de mulher é junto da panela, mas não é ele, depois, que vai enfrentar vala negra, caco de vidro. Eu vou, sim!” Quer dizer, é um componente feminista, um rompimento daqueles padrões antigos. A idéia feminista se disseminou de uma maneira impressionante, hoje é uma idéia vitoriosa. Foi a grande revolução do século. As mulheres mudaram de lugar. As que não mudaram estão inconformadas.

Em que medida a conjuntura política de repressão, mas ao mesmo tempo de contestação do regime militar, foi um elemento estimulador dessa aglutinação das mulheres?

Acho que foi um estimulador. Nenhuma das mulheres subordinava o movimento a nenhum partido, mas, por outro lado, eram todas mulheres de esquerda. Eu e Santinha éramos do Partidão, mas tínhamos muito claro que o movimento das mulheres não podia se confundir com partido político. As outras não tinham ligação: Branca Moreira Alves não tinha nada a ver com o partido, nem Rose Marie Muraro, que era uma progressista solta, nem Moema. Só depois Moema se aproximou do PDT, e Rose Marie, do PT.

Vocês querem saber quantas organizações foram inspiradas e originadas no Centro da Mulher Brasileira? O Centro da Mulher Brasileira de Niterói; o Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro; o Fórum de Mulheres; o Clube das Mães; o Grupo Ceres; o Coletivo de Mulheres de Cinema; o Coletivo de Mulheres de Vídeo; o Grupo Feminino de Pesquisa Cinematográfica; um grupo independente chamado Elas por Elas, que fazia pesquisa sobre mulheres; um outro grupo chamado Sai do Beco, Mulher; o SOS Mulher, que teve muita atuação contra a violência; o SOS Corpo; o Movimento Feminino do Rio de Janeiro; a União Brasileira de Mães; o grupo do jornal *Nós, mulheres*; a Federação das Mulheres Fluminenses; o grupo Mulherando, que era liderado por aquela escritora Raquel Gutierrez; o Maria Sem Vergonha, outro grupo feminista; o grupo Gesta; o Comitê Feminino pela Anistia, que se entrosou conosco — elas não eram feministas, mas eram todas mulheres; o Grupo Fêmea; o Centro Feminino do Meio Ambiente; o Movimento das Mulheres Negras; o Movimento Negro Unificado; o Coletivo das Mulheres Negras; o Aquatune, de defesa das mulheres negras. Sem contar os inumeráveis grupos dos partidos políticos. O PT mesmo tem um aguerrido grupo de mulheres que se chama Mulheres do PT, e sai até com aquela camisa “Muito prazer. Mulheres do PT”.

Dentro desses grupos, desses movimentos, certamente devia haver divergências de orientação. Quais eram as principais?

Havia divergências. O Movimento das Mulheres Negras, por exemplo, sempre achou que quem era oprimido mesmo eram as mulheres negras. Pela sociedade, sim; pelos homens, não mais do que as brancas. Também havia grupos que radicalizaram na questão do aborto, queriam porque queriam a legalização do aborto. Nós não, nós pendemos mais pela luta contra a violência praticada contra a mulher, contra a predominância do homem, contra a falta de ajuda nos trabalhos domésticos, que os

homens sempre se recusaram a partilhar — hoje não tanto —, pela participação mais intensa dos pais na criação dos filhos.

Embora o Comitê Feminino pela Anistia fosse um movimento separado, o Centro da Mulher Brasileira não acabou se misturando também com a luta pela anistia?

Nunca foi a mesma coisa. A luta das mulheres pela anistia foi uma luta separada da das mulheres do Centro da Mulher Brasileira. Embora, quando elas faziam os movimentos delas, chamassem o Centro da Mulher Brasileira, e o centro aderisse.

Como era a relação de vocês com a Igreja?

A Igreja, que tem uma tradição machista conhecida, que discrimina muito as mulheres, só se bateu contra aqueles grupos que defendiam abertamente o aborto. Nós sempre defendemos a descriminalização do aborto, mas essa nunca foi a nossa principal bandeira. Achávamos que a nossa principal reivindicação era o fim da violência contra a mulher. Existe um relatório feito pela Heleieth Saffioti, que é uma socióloga seriíssima, que mostra que mais de 50% das mulheres brasileiras já sofreram, em algum momento da vida, algum tipo de violência física. Não é violência moral, não, do tipo “você não atende telefone, não fala com beltrano, mulher minha não anda de minissaia”, que é muito comum. Não é isso. É violência física: tabefe, safanão, murro na cara.

Coisa engraçada é que essa violência é democrática, perpassa todas as classes. Mas na minha opinião — isso não está no relatório da Heleieth, mas eu sempre digo isso nas reuniões a que me chamam —, o caso das mulheres de classe média é pior. Porque a mulher de periferia, a mulher de favela, quando ela apanha, grita por socorro. Nas favelas os pobres vivem de maneira mais comunitária, é tudo colado, e quando elas gritam: “Socorro, o vagabundo está me batendo, quer me matar, está me dando com o cabo da vassoura!”, as vizinhas e vizinhos vão lá para socorrer, para dar um copo d’água com açúcar, para segurar o cara. Na classe média, não. A característica da violência contra a mulher da classe média é o silêncio da mulher. Com vergonha dos vizinhos, com vergonha do condomínio, a mulher se cala, não grita, não chora, e ainda, quando aparece com marcas, diz que caiu, que bateu na quina da mesa.

A violência sexual é outro dado espantoso. Há uma quantidade enorme de estupros. A violência sexual alcança todas as classes sociais e todas as idades. No

relatório da Heleiethe, a mais jovem estuprada é um bebê de quatro meses. Que morreu. Há também uma senhora de 80 anos. Que, quando ela me disse isso, eu acrescentei: também morreu, porque se não morreu fisicamente, morreu dentro dela mesma. Já pensou, uma velha de 80 anos, com seus valores anacrônicos, ser violentada! É uma coisa pavorosa! Quer dizer, esse tipo de violência não respeita nem idade, nem classe, nem cor, nem nada.

A partir de um determinado momento a senhora iniciou uma carreira parlamentar. Na esfera político-partidária, como era vista a luta feminista? Os partidos, na época, tinham uma seção de mulheres?

Isso existia em todos os partidos, como ainda existe. Agora, a relação dessas seções com o resto do partido era difícil. É difícil até dentro do PT. Como eu digo sempre, os homens são revolucionários de palanque, mas tiranos de cama... Há homens admiráveis pelo seu discurso libertário nas praças, nos sindicatos, que chegam em casa e batem na mulher, humilham a mulher, tratam a mulher mal... A gente via isso. Dentro dos partidos, a gente notava a discriminação das mulheres. Dava-se pouca voz a elas. As mulheres, muitas vezes, eram muito mais preparadas que os homens, sob todos os pontos de vista, e eles ficavam ali, sempre negando um lugar a elas, discriminando. O machismo perpassa todos os partidos. O PT faz um esforço muito grande para se livrar disso, mas até o Lula se trai, quando de repente diz: “Eu já fui machista; mas me polio”. Lá no PT, nós lutamos muito no departamento de mulheres contra isso. Foi o PT que conseguiu que 35% dos candidatos sejam mulheres. O que não deixa de ser uma posição discriminatória. Mas não houve outro jeito. Este ano, na Assembléia, há menos mulheres do que havia na outra legislatura. No PT, não. O PT tem uma bancada de oito deputados estaduais e tem duas mulheres, a Tânia Rodrigues e a Cida Diogo, aquela médica que foi vice-prefeita de Volta Redonda. Nós temos as nossas mulheres lá. E as mulheres do PT sempre têm consciência da condição feminina. Em outros partidos, nem sempre. Há partidos em que as deputadas mulheres realmente não se preocupam, de maneira nenhuma, com a condição da mulher. Não fazem nenhuma lei para as mulheres.

A eleição de 1978 e o primeiro mandato

Em algum discurso seu a senhora diz que é fundadora do MDB. Na época em que o MDB foi fundado a senhora ainda pertencia ao Partido Comunista?

Sim. Fui fundadora do MDB, e o Partido Comunista, como era um partido clandestino, sempre teve dupla militância.

Como a senhora se posicionava diante das eleições nos anos 70? Em 1970, por exemplo, houve a campanha do voto nulo; em 74, o MDB teve uma enorme votação...

Em 70 fui contra o voto nulo. Era a posição do Partido Comunista, que sempre foi contra o voto nulo. Depois, em 74, fiz campanha para Lysaneas Maciel. Quando chegou 78, alguns intelectuais de esquerda, entre os quais estava Eduardo Chuahy, então muito ligado ao Partidão, foram me procurar na redação da *Manchete* dizendo que eu devia me candidatar. Fui surpreendida, porque eu não pensava em virar deputada. Pensava em continuar minha carreira de escritora e jornalista. Mas eles disseram: “Heloneida, nós temos conversado, já fizemos duas reuniões e achamos que você seria um excelente nome para ser candidata a deputada estadual. Marcelo Cerqueira¹⁶ vai ser candidato a federal, Modesto da Silveira, defensor dos presos políticos, também; já chamamos o Raymundo de Oliveira, aquele engenheiro que era do MR-8, o Alves de Brito,¹⁷ de Niterói, que é do partido, temos um aliado em Nova Iguaçu, que é o Chico Amaral... A esquerda toda vai fazer a campanha desse grupinho.” Eu digo: “Gente! Como?! Sem dinheiro, sem nada... Eu nunca pensei nisso!”

Quem estava nesse grupo que a procurou na eleição de 78, além de Eduardo Chuahy?

José Cândido Filho, que tinha sido do meu sindicato; Saldanha, do Sindicato dos Professores... Havia outros de cujo nome não lembro. Uns eram do Partido Comunista, falavam pelo partido, outros eram simpatizantes do MR-8, e falavam pelo MR-8. Eram

¹⁶ Marcelo Cerqueira ocupava juntamente com José Serra a vice-presidência da União Nacional dos Estudantes (UNE) quando ocorreu o golpe de 64. A diretoria da UNE determinou que ambos deixassem o país naquele momento por motivo de segurança. Em 1965, Marcelo retornou e chegou a ficar detido por 100 dias. Ainda naquele ano retomou a Faculdade de Direito e concluiu o curso. Passou então a atuar como advogado de defesa de acusados pela Lei de Segurança Nacional e de 1968 a 1978 chegou a defender cerca de mil pessoas. Em 1978, elegeu-se deputado federal pelo Rio de Janeiro na legenda do MDB. Ver *DHBB*, op. cit.

¹⁷ José Alves de Brito foi vereador em Niterói de 1967 a 1971. Em 1974 e 1978 foi eleito deputado estadual no estado do Rio de Janeiro na legenda do MDB.

peças da esquerda independente, que queriam que fossem eleitos candidatos da esquerda. Insistiram comigo, fiquei relutante, mas afinal aceitei. José Cândido dizia: “Helô, que é isso, não vacile! É mais uma tarefa! Aceite! Você vai ganhar!” Eu digo: “Mas como? Vocês estão doidos! Campanha maluca essa, sem dinheiro, sem esquema!” Eles cortaram o bolo: “Marcelo Cerqueira e Alves de Brito fazem campanha no Estado do Rio; você e Modesto fazem campanha dentro da cidade do Rio de Janeiro; fulano coordena na universidade...” Designaram os coordenadores de campanha, todos jovens universitários. Não me lembro mais dos nomes deles.

O fato é que fiz campanha aqui no Rio, basicamente na Zona Sul, e me foram entregues também quatro favelas para trabalhar. Naquele tempo a favela não era dominada pelo tráfico, era um reduto de trabalhadores pobres. As bocas de fumo eram um pinguinho que havia lá dentro e não faziam mal a ninguém. Fui para o Borel, Formiga, morro dos Macacos e morro de São Carlos. Raymundo de Oliveira foi para outras, não sei quais.

E como a senhora montou sua campanha?

Montaram para mim. A única coisa que eu fiz foi ir aos lugares, acompanhada de uma pequena equipe, com um carro ruim, velho, que freqüentemente enguiçava, e falar. Os comícios de favelas foram extremamente emocionantes, porque naquele tempo os presidentes das associações de moradores eram trabalhadores, não eram, como hoje, ligados às bocas. Alguns deles ficaram meus amigos para sempre, como o João Lopes, meu amigo até morrer. Era um negro admirável. Tinha muita gente bacana. Velhos líderes da classe trabalhadora. Eles faziam as reuniões lá em cima do morro, a gente falava para os moradores e depois distribuía panfletos.

A expansão das associações de moradores, que estava acontecendo naquele momento, favoreceu portanto a campanha.

Sim. Houve uma expansão grande. E as associações de moradores eram todas muito ligadas aos movimentos de esquerda. Alguns dos presidentes de associação eram abertamente militantes do PCB. Não tenho lembrança da Faferj naquela época, mas lembro que quando a gente já estava eleito ela foi presidida pelo Irineu Guimarães, que era muito ligado ao MR-8. Houve um momento em que a Faferj era tão poderosa que

quando fazia uma reunião iam duas mil pessoas. Hoje, quando faz uma reunião, vão 30. Mas o fato é que na campanha nós fomos também às universidades, fomos a tudo quanto foi canto, e tivemos uma votação realmente consagradora. Raymundo de Oliveira teve 60 mil votos, e eu, com meu nome trocado, tive 58 mil. Botaram no Tribunal Eleitoral Heloneida Orban, que é meu nome de casada. Fizeram de propósito, não foi por acaso, porque eu registrei o nome Heloneida Studart, e eles não consideraram. Eu teria tido mais votos se meu nome não tivesse saído trocado nas listas.

A eleição de 1978 foi feita numa conjuntura de briga entre Chagas Freitas e Amaral Peixoto, e houve inclusive dificuldade para a obtenção de legenda. A senhora participou disso?

Houve uma dificuldade muito grande, mas não participei muito, fiquei numa posição um pouco afastada. Sempre tive um pouco de impaciência com essas brigas de aparelho. Na convenção, realmente, não queriam nos dar legenda. Quem brigou por nós e conseguiu foi Amaral Peixoto. Por isso é que eles nos chamavam de amaralistas. Amaral Peixoto lutou muito para conseguir a minha legenda, a do Raymundo, a do Alves. O Raymundo quase ficou de fora, foi uma confusão do cão.

A senhora teve contato com Amaral Peixoto? Chegou a conversar com ele?

Conheci Amaral, cheguei a conversar. Estive duas vezes com ele, e ele estava firmíssimo na decisão de nos conseguir a legenda. Era um político muito hábil. Dizia: “Eu sou homem de cumprir os compromissos que assumo. Garanti aos partidos de esquerda essa legenda e darei, brigarei com Chagas Freitas.” E conseguiu. Fomos eleitos quatro estaduais: eu, Raymundo, Alves de Brito e Chico Amaral, que era nosso aliado.

Que perfil a senhora traçaria desses seus companheiros?

Chico Amaral era um advogado brilhante de Nova Iguaçu, um sujeito honradíssimo, muito sério. Era ligado a Amaral Peixoto por laços de afeto, mas não politicamente. Possuía uma formação de esquerda e às vezes tinha uma posição até mais extremada e radical que a nossa dentro da Assembléia. Alves de Brito era um comunista

de aparelho, fazia tudo que o aparelho mandava, e Raymundo foi também um deputado muito combativo.

Como foi a chegada à Assembléia Legislativa para seu primeiro mandato, em 1979?

Meu primeiro mandato foi bem diferente dos demais, porque, como estávamos numa situação de absoluta convulsão, e ainda sob a ditadura, nós, deputados, apanhamos muito. Não tinha esse negócio de imunidade parlamentar. Você ia a uma manifestação pela anistia, dizia: “Sou deputada!”, o PM vinha com o cassetete e tacava na sua cabeça. Você fazia uma manifestação pela redemocratização, vinha a PM e jogava jato d’água. Não estava se importando com o fato de você ser deputado. Não era como foi depois, quando nós apresentávamos a famosa carteira e o polícia ficava todo arrepiado, sabia que ia entrar pelo cano se fizesse qualquer violência contra um deputado.

Eu me lembro que esse mandato girou muito em torno da luta agitada, da luta pela anistia, pela redemocratização. Era correr atrás dos sindicatos que estavam sofrendo violência, das associações de moradores... Passávamos o dia muito mais nas passeatas e nas manifestações fora da Assembléia do que dentro. Dentro, acompanhávamos como podíamos. Apresentávamos projetos de lei, mas incomparavelmente menos do que se apresentou depois. A atividade dentro da Assembléia era secundária, a grande luta era pela redemocratização. Tanto que, se você for aos *Anais da Assembléia* procurar os discursos da época, verá que o grande tema era a questão da democracia, das liberdades, da volta do estado de direito.

Nós também lutamos muito pela anistia. Deus do céu! Foi um negócio impressionante. Eu vinha desde o começo dessa luta, fui a segunda pessoa a assinar o manifesto da Teresinha Zerbini. Ela foi à *Manchete* com o manifesto na mão, e fiquei morrendo de medo, porque tinha acabado de sair da cadeia, passado um ano sem trabalhar, tinha conseguido um emprego... Pensei: “Vou assinar o manifesto dessa mulher e vou ser presa, vou perder o emprego de novo; ela não vai presa porque é mulher de general.” Ela chegou lá toda afogueada, vermelhinha, e disse: “Ih, Heloneida, a polícia me seguiu do aeroporto até aqui. Estou com esse manifesto, mas eles não vão reparar, porque somos nós, mulheres, que estamos pedindo a anistia, não são os homens.” Ora, se eles não vão reparar! Nas prisões, eles torturaram mais as mulheres do que os homens! Mas assinei, e pronto, Teresinha foi para o Brasil todo, o movimento

creceu, se associou a outros, e começou uma série de manifestações pela anistia, na ABI, na OAB etc. Naquele tempo, a OAB era uma entidade ligada aos movimentos sociais; hoje não é mais, é uma corporação que se importa com plano de saúde, com essas coisas. Mas nós saímos na luta pela anistia, e não foi mole! O que se levou de gás lacrimogêneo, o que se apanhou da polícia!

Ainda nesse mandato, houve o episódio do fechamento da UNE, não da UNE em si, mas do prédio,¹⁸ e nós também fomos lá: eu, Alves de Brito, Raymundo de Oliveira e Chico Amaral. Nem me lembro se os nossos deputados federais estavam; me lembro que Eudes estava, e quase foi morto. Quando chegamos ao prédio da UNE, vi uma multidão de soldados com escudos, capacetes, uma parafernália enorme de repressão, agentes da Polícia Civil e da Polícia Federal. Olhei em volta, vi que não havia mais do que 400 estudantes e disse: “Raymundo, isso vai acabar numa grande violência.” Ele perguntou: “Por quê, Helô?” Eu disse: “Porque não tem estudante. Se houvesse 10 mil estudantes, eles não ousariam usar a violência, porque ia ser um massacre. Mas, com 400 estudantes, eles vão acabar com essa manifestação no pau.” Mal fechei a boca, e o pau começou. Quando Raymundo se aproximou, mostrou a carteira e disse que era deputado, levou uma cacetada na cabeça. Quando o Eudes foi em socorro do Raymundo, eles deram uma cacetada no Eudes, tão violenta que abriu a cabeça dele, e o sangue corria aos borbotões. O Eudes caiu que nem boi no matadouro. Eu disse: “Alves, vão matar o Eudes!” Não pude dizer mais nada, porque me jogaram por cima daquele murinho que tinha no Flamengo. Para minha felicidade não me machuquei mais, porque caí de uma altura de três metros, mas em cima de um gordo. O gordo tinha caído primeiro, e caí em cima dele... Assim mesmo fiz vários arranhões, aquilo que chamam de “escoriações generalizadas”. E perdi o sapato. Naquele tempo eu andava de sapato branco, de salto alto, fiquei sem sapato, toda molhada da água dos brucutus...

Eu sei que saí daquele lugar, fui lá para onde estava o trânsito e comecei a fazer sinal para pegar carona. Parou um cara, e eu disse: “Me leva à Assembléia Legislativa, por favor, porque estão arrebetando com os deputados e com o povo!” O cara me levou, cheguei à Assembléia, subi à tribuna e denunciei a violência que estava sendo

¹⁸ A sede da UNE, na Praia do Flamengo, foi saqueada e incendiada logo após o golpe militar, no dia 1º de abril de 1964. As atividades da entidade foram suspensas e a maior parte dos dirigentes exilou-se. Em 1965 foi composta uma nova diretoria, e a UNE passou a atuar na clandestinidade promovendo uma série de passeatas. Com o recrudescimento da repressão ao movimento estudantil após o AI-5, a UNE praticamente deixou de existir. Em 1976 foi realizado o I Encontro Nacional dos Estudantes, mas apenas em 1979, no chamado “Congresso da Reconstrução” em Salvador, foi que a UNE começou a se

feita contra o povo e contra os parlamentares. Disse que o deputado José Eudes estava gravemente ferido e exigiu: “Quero que venha aqui o presidente desta casa, para explicar como é que um governo que se diz de oposição permite que a sua polícia massacre o povo e os deputados que estão lá se manifestando em defesa de um prédio histórico, um prédio simbólico!” Veio ao microfone dos apertes, todo aflitinho, o Jorge Leite, que era então presidente da casa, homem de confiança do Chagas Freitas. Ele disse as seguintes palavras: “A deputada Heloneida Studart está aqui para dizer que a polícia *teria* se excedido na repressão à manifestação em defesa da UNE.” Quando ele falou *teria*, no condicional, fiquei uma fera e disse uma porção de coisas, num tom e em termos acima do que eu deveria. Disse que ele era um covarde, que o governo era aliado da ditadura, fiz um discurso contra o Chagas, contra o governo, contra ele, contra a postura pusilânime etc. Um discurso extremamente contundente, que amargou minhas relações com Jorge Leite por anos e anos. Passamos anos sem nos falar. Dali fui para o Hospital Sousa Aguiar, onde estava o Eudes fazendo costura na cabeça. O médico me disse: “Foi um ferimento profundo. Foi até a tábua do crânio.” Estava assim de imprensa internacional dentro da sala. Ficamos lá com o Eudes, dando carinho, dando conforto, ele lá estirado, todo ensangüentado. Eudes é uma pessoa valente, de uma coragem pessoal muito grande. Foram anos muito difíceis, os desse primeiro mandato.

Reforma partidária e eleição de 1982

Os anos de 1979-80 foram também anos de reformulação partidária. O PMDB deu continuidade ao MDB, Chagas Freitas foi para o PP, mas pouco antes da eleição de 1982 houve a incorporação do PP ao PMDB.¹⁹ Como a senhora viu isso?

É. Houve a união do MDB com o PP do dr. Tancredo, que, para derrotar os militares, fez a manobra da unificação antes da eleição de 82. Aqui no Rio o PP era Chagas Freitas, e nós tínhamos passado quatro anos batalhando contra ele, tínhamos

reorganizar. Em 1980, a UNE tentou retomar as ruínas do antigo prédio, mas o governo federal determinou sua demolição, o que provocou muitos protestos. Ver *DHBB*, op. cit.

¹⁹ Com a aproximação das eleições de 1982, em novembro de 1981 foi votada no Congresso uma reforma eleitoral que proibiu as coligações e estabeleceu o voto vinculado a um mesmo partido para todos os cargos em disputa. Diante da possibilidade de fracasso eleitoral, a tática posta em prática pelo PP e pelo PMDB foi a incorporação do primeiro ao segundo, o que ocorreu em fevereiro de 1982. No estado do Rio de Janeiro, a incorporação, ao trazer de volta o grupo de Chagas Freitas para PMDB, acarretou a derrota eleitoral do grupo que até a véspera controlava o partido e combatia abertamente os chaguistas. Ver *DHBB*, op. cit.

dito em todas as universidades, todos os sindicatos, todas as associações comunitárias que Chagas Freitas era um homem de direita e um corrupto, que Miro Teixeira era seu filhote predileto, sua cria, seu descendente, herdeiro de suas piores práticas. Dissemos isso durante quatro anos, e isso tinha entrado, muito profundamente, na cabeça do povo. Quando houve a incorporação, eu me lembro que disse ao Marcelo Cerqueira, de quem durante esses anos todos me tornei muito amiga: “Marcelinho, essa incorporação é justa, porque vai ajudar a derrotar a ditadura, mas para nós ela significa a nossa derrota. Acho que nenhum de nós, deputados de esquerda, vai se reeleger. Digo a você que não quero sequer fazer campanha, para não me desgastar, não me cansar fisicamente.” Eu me lembro que ele disse: “Não, Helô, nós ainda temos quatro meses para mudar a cabeça do povo.”

Inicialmente o candidato do PMDB ao governo do estado era Saturnino Braga. Mas com a incorporação não foi possível mantê-lo.²⁰

Não foi. Saturnino era nosso candidato contra o Miro, mas não quis sequer ir para a convenção. Disse: “Não vou para a convenção para ser derrotado.” Nós dizíamos: “Vai, Saturnino, vai para marcar posição, vai para mostrar que nós temos o nosso candidato.” Ele não quis ir. Saiu e foi para o PDT.

A senhora não chegou a pensar em ir para o PDT, ou para o PT?

No PDT eu nunca pensei. Sempre achei que a prática brizolista era muito populista, muito atrasada. Mas coloquei logo na minha agenda ir para o PT. Chamei o Marcelo Cerqueira e disse: “Marcelinho, vamos para o PT. É um partido novo, que está nascendo no colo da classe operária. Ele vai ser aquilo que o Partido Comunista não conseguiu ser: um partido dos trabalhadores.” Ele respondia: “Não, Helô, a transição democrática ainda está muito incipiente, não se fez ainda, e o instrumento para fazer a

²⁰ Roberto Saturnino Braga, eleito senador pelo Estado do Rio em 1974 na legenda do MDB com grande votação, tornou-se candidato ao governo do estado, pela primeira vez, na eleição de 1978. Contudo, após acordo com Amaral Peixoto, Chagas Freitas apresentou-se ele próprio pelo MDB e foi eleito governador. Com o fim do bipartidarismo em 1979, e a ida de Chagas para o PP, e de Amaral Peixoto para o PDS, Saturnino tornou-se a principal liderança do PMDB fluminense e mais uma vez apareceu como candidato ao governo do estado em 1982. Ainda uma vez a tentativa de candidatar-se falhou: com a incorporação do PP, Miro Teixeira foi escolhido candidato do PMDB, e Saturnino deixou o partido. Convidado por Brizola a ingressar no PDT, aceitou, candidatou-se ao Senado e foi reeleito. Em 1985, ainda na legenda do PDT, foi eleito prefeito do Rio. Ver *DHBB*, op. cit.

transição é o PMDB. Nós temos que insistir em fazer política pelo centro.” Eu disse: “Mas Marcelo, nós vamos perder a eleição. Porque o problema não é, como você diz, mudar a cabeça das pessoas, é mudar as emoções das pessoas...” A campanha foi um desastre. A gente saía na rua, entregava o panfleto — o voto era vinculado, com Miro Teixeira para governador —, as pessoas pegavam aquilo e rasgavam, jogavam no chão.

Sua campanha dessa vez também se concentrou na Zona Sul?

Sim. O meu viveiro de votos é na Zona Sul. Fiquei também com as mesmas favelas, tudo igual. Durante o meu mandato, tinha havido um episódio na favela de São Carlos que foi muito significativo. Houve uma grande chuva, daquelas chuvas de verão do Rio de Janeiro, e três ou quatro barracos caíram. Derreteram. E então o Serviço de Engenharia do Estado mandou derrubar 42 outros. Vocês não podem imaginar a gritaria e o ranger de dentes que isso causou. Porque eles não tinham para onde ir! Eu estava em casa quando o telefone tocou, às 11, 11 e meia da noite, tarde — pelo menos para mim, que durmo cedo, às 10 e meia —, e o João Lopes disse: “Ah, deputada, pelo amor de Deus, venha aqui no morro porque a PM está aqui, estão derrubando os barracos dos trabalhadores, as mulheres estão desmaiando, está um horror!” Telefonei para o motorista da Assembléia, que morava na Mangueira — é um compositor da Mangueira, um negro valente, maravilhoso —, e disse: “Sai da tua casa, pega um táxi, que depois eu te pago, vai à Assembléia, pega o carro oficial e traz aqui, que nós vamos agora para o morro de São Carlos, para ver o que dá para segurar.” Ele veio, chegou tarde — eu morava na Princesa Isabel —, e fomos para o morro, onde chegamos já bem adiantada a noite.

Estava aquele clima: a chuva caindo aos borbotões, as mulheres desmaiando, os homens protestando, e a polícia derrubando. Era um cabo da PM. Cheguei lá, segurei no braço dele e disse: “O senhor segura isso aí. Vamos esperar o dia amanhecer. Vamos fazer o seguinte: eu pedi ao Raymundo de Oliveira que providenciasse alguns engenheiros da Geotécnica para virem aqui dar o laudo real sobre esses barracos. Se os barracos realmente estiverem condenados, a gente vai ter que tirar as pessoas mesmo, mas temo que não estejam condenados, que isso seja uma maneira de desfavelar” — como foi feito em tantos outros lugares. O homem respondeu: “Não, deputada, eu não posso parar, tenho minhas *ordes*.” Eu: “Não, você espera, vamos lá na associação tomar um café” — segurando o braço do cabo. Ficamos a noite inteira nessa conversa,

derruba, não derruba, já havia dois barracos derrubados, as mulheres desmaiando — pobre desmaia muito, viu? É impressionante. Acho que o organismo está enfraquecido, depauperado, as emoções estão mais soltas do que as nossas... Enfim, estava aquele horror. A associação cheia de criança, de mulher, a chuva em cima... Eu, toda molhada, acabei tirando o sapato. Consegui segurar a polícia até as seis horas da manhã.

Quando deu seis horas, Raymundo chegou com os engenheiros da Geotécnica. Eles subiram para examinar os barracos, e a coisa se acalmou. Dali a pouco voltaram eles com os laudos dizendo que só mais um barraco precisava ser demolido. Os outros não precisavam, tinham condição de se segurar. Saímos dali, fomos àquela igreja que existe na Usina da Tijuca, São Camilo, lá havia um padre muito bacana, o padre Olímpio, muito ligado às comunidades faveladas, e pedimos que ele arranjasse abrigo para as famílias. Negociamos também um terreno da igreja para refazer os barracos derrubados e conseguimos tudo, tanto uma coisa como outra. Eles ampararam o pessoal na igreja, deram café quente, leite, pão, e arrumaram, depois, um terreno para reconstruir os barracos dos que tinham perdido tudo.

Aparentemente, as pessoas do morro de São Carlos ficaram profundamente ligadas a mim, porque eu tinha sido a deputada que tinha salvo as casas deles naquela madrugada terrível. Pois bem. Quando foi na campanha, voltei lá para pedir voto. Vocês sabem que quando eu cheguei lá, as pessoas me voltavam as costas! O repúdio era de tal ordem que eu disse ao meu assessor: “Nós vamos perder essa eleição, Carlinhos. Enquanto eu estou aqui andando, sozinha com você, de casa em casa, tentando falar com um, com outro, está vendo aquele grupo ali de mais de 50 pessoas, viradas de costas para nós? São as pessoas que estão fazendo campanha para o Brizola. Brizola vai ganhar essa eleição!” Ele disse: “Que é isso, Helô, o Brizola não ganha!” Eu disse: “Ah, vai ganhar! Primeiro, porque ele está falando ao inconsciente coletivo. Foi um homem que resistiu à ditadura, fala ao inconsciente coletivo. Segundo, porque, você acha que eles vão votar em Miro Teixeira? Não vão. Nós vamos perder essa eleição.” E perdemos. Toda a esquerda do MDB: Francisco Amaral, Alves de Brito, Raymundo, Marcelo, Modesto, eu, todos perdemos a eleição.²¹ Com uma característica deplorável, que foi a seguinte: só quem depois recuperou o mandato fui eu.

²¹ Em 1982 Heloneida obteve apenas 16.648 votos e ficou como sexta suplente.

Só a senhora, realmente, voltou a se eleger depois de 82. Como se explica que esses parlamentares, que eram pessoas intelectualmente bem dotadas, bem preparadas, pessoas que desempenharam um papel importante no período da ditadura, que lutaram pelos direitos humanos, tenham sido varridos do mapa no momento da redemocratização?

É que aí o poder econômico se tornou determinante nas eleições. E também é preciso ver certas características da sociedade brasileira.

O discurso dessas pessoas teria ficado anacrônico?

Não acho, não. Eu, por exemplo, considero Marcelo Cerqueira um dos políticos mais modernos, no sentido de atualização, que há no Rio de Janeiro. Ele sempre foi moderno, sempre foi aquilo que nós chamamos um italiano, da linha do PCI, do Gramsci. Por outro lado, como eu ia dizendo, sempre achei também que a sociedade brasileira é profundamente conservadora. Muita gente não pensa assim, mas eu penso.

Mas aqueles que foram para o PT ou para o PDT de alguma forma encontraram um caminho, não?

Não. Raymundo foi para o PDT e nunca se elegeu. Marcelo foi para o PSB e teve 55 mil votos, que é uma votação extraordinária, mas não se elegeu porque o partido não fez legenda.²² Depois, quando foi para o PDT, se queimou diante do eleitorado dele, porque os comunistas têm uma pendenga antiga com o Brizola. Agora, por que é que mais tarde eu voltei a me eleger? Eu me elegi por duas coisas. Quando perdi o mandato, fiquei sem nada, porque deputado de um mandato só não tem direito a pensão. Agora tem direito a uma pensãozinha, mas naquele tempo não tinha. Voltei então a trabalhar

²² Com o fim do bipartidarismo em 1979, Marcelo Cerqueira ingressou no PMDB e não conseguiu se reeleger deputado federal em 1982. No início de 1985 passou para o PSB e nessa legenda concorreu à prefeitura do Rio de Janeiro, mas obteve apenas a quarta colocação. No ano seguinte candidatou-se a deputado federal e, apesar de ter sido um dos 10 mais votados, não obteve o mandato, pois o PSB não conseguiu atingir o coeficiente eleitoral mínimo exigido pela legislação para ter representantes. Entre 1985 e 1987, exerceu as funções de assessor político do prefeito Saturnino Braga. Em 1990, candidatou-se a deputado federal na legenda do PDT e não conseguiu se eleger. Em 1994 tentou mais uma vez uma cadeira na Câmara dos Deputados, dessa vez na legenda do Partido Popular Socialista (PPS), sem sucesso. Em abril de 2000, foi empossado na presidência do Instituto dos Advogados Brasileiros. Ver *DHBB*, op. cit.

na imprensa. Mas que imprensa? O rádio. Eu era debatedora do programa da Cidinha Campos, que tinha grande audiência no Rio de Janeiro. Dois meses depois da derrota nas eleições, eu estava lá no programa, e a Cidinha disse assim: “Helô, estou muito pouco satisfeita com a redatora do meu programa. Você está desempregada, não está? Não quer ser redatora?” E foi logo avisando: “A Rádio Tupi paga muito mal, mas de qualquer maneira é um emprego. Nós ficamos juntas aqui, e você não perde contato com o seu eleitorado. Você será redatora e debatedora do programa, todos os dias.” Aceitei.

O programa a partir de então deixou completamente de lado qualquer improvisação. Eu estava morando na Gávea, ela morava no alto Leblon, e eu ia a pé para a casa dela todo dia, para tomar o café da manhã. Às sete horas da manhã me sentava na mesa dela, já com todos os jornais lidos, e dizia: “Cidinha, o editorial vai ser sobre isso. A carta que todo dia você manda para os ouvintes vai ser sobre isso. Quando chegar à redação vou escrever 10 temas para debate, e desses 10 você escolhe cinco. Aconselho que sejam dois de política e três de assuntos gerais, de que o povo gosta mais: casamento de Xuxa, divórcio de Beltrano, casamento de homossexuais, essas coisas.” Cidinha aceitou as idéias e comecei a escrever o programa inteiro. Era um trabalho do cão, porque só de debates eu escrevia 10, além do editorial. E o programa começou a crescer de audiência extraordinariamente. Dali a pouco começou a bater o Haroldo de Andrade em vários horários. Assim, por exemplo, Haroldo de Andrade, que sempre foi o campeão de audiência, ganhava na segunda, na terça e na sexta, e ela ganhava na quarta e na quinta. O programa cresceu, os anunciantes choveram, e eu entrava no ar todos os dias, no debate. Recebia tantas cartas e tantos telefonemas quanto ela. Ao mesmo tempo, eu estava no programa de televisão “Sem Censura”, onde também era debatedora, todas as quartas-feiras. Era um programa que fazia grande sucesso, e até hoje faz, apesar de ter decaído muito.

O que aconteceu foi que os meios de comunicação me deixaram o tempo todo na cabeça das pessoas. E eu, a par disso, nunca fiquei fora de tudo quanto era conferência, debate, mesa-redonda, movimento feminista — como, aliás, agora que estou sem mandato, estou em tudo. Já os outros não estavam nos meios de comunicação e foram cuidar das suas vidas profissionais, porque os políticos de esquerda são honestos, quando perdem o mandato têm que ganhar a vida. Vão viver de quê? Das fortunas acumuladas, como fazem vários na Assembléia? Tem gente que não precisa trabalhar nunca mais. Mas nós tínhamos que trabalhar, imediatamente. Acredito que pelo fato de

ter ficado nos meios de comunicação o tempo todo eu tenha conseguido me reeleger. Na eleição seguinte, em 86, ganhei com 32 mil votos. Fui muito bem votada. E aí voltei para a Assembléia, e continuei no programa enquanto deu. Eu ainda estava no PMDB.

A deputada e o governador

Em 1986 foi a eleição de Moreira Franco para governador. Como foi a convivência com Moreira no PMDB?

Moreira entrou, nós fizemos campanha para ele — era o acerto —, ele ganhou a eleição, mas bati de frente com ele na primeira semana do mandato. Foi o seguinte: havia naquele tempo uma lei que garantia a equiparação salarial com a inflação — cada vez que a inflação subia, vamos dizer 20 %, o salário subia 20%. Chamava-se gatilho. A primeira coisa que o Moreira fez, quando viu a situação das finanças, foi se preparar para derrubar o gatilho salarial. Fez uma reunião na casa de um jovem deputado chamado Napoleão Veloso, das Casas da Banha, que era um rapaz muito rico, tinha um apartamento muito bonito na Lagoa. O rapaz reuniu todos os deputados do PMDB num jantar magnífico, e o Moreira estava lá. Quando chegou na sobremesa, ele disse: “O primeiro pedido que eu vou fazer a vocês é uma coisa extremamente desagradável, mas o que é ruim a gente tem que fazer logo” — essa frase que os políticos dizem sempre. “Assim que a Assembléia abrir, esta semana, vou mandar uma mensagem propondo a derrubada do gatilho salarial para os funcionários, porque o estado está numa situação terrível. Temos déficit, temos isso, temos aquilo” — a história de sempre — “e temos que derrubar o gatilho salarial.” Aí houve muito constrangimento, “mas governador, começar o governo assim...” Quando acabaram de falar, levantei o dedo e disse: “Moreira, eu quero ser muito sincera com você. Não há a menor possibilidade de eu votar contra os trabalhadores. A menor possibilidade!” Ele disse: “Mas Heloneida, você não vai destoar, não vai ser um voto único contra a bancada.” Respondi: “Pois vou ser.”

Quem mais de esquerda permanecia no PMDB nessa época? Francisco Amaral era vice-governador...

Não tinha mais ninguém. Chico Amaral era vice-governador porque houve uma composição, e o Partido Comunista apoiou o Moreira. Mas eu disse que não havia a

menor possibilidade de eu votar pela derrubada do gatilho, e criou-se aquela situação desagradável. “Ah, Helô, não faça isso, sabe como eu lhe tenho apreço, sou seu admirador há muitos anos...” Mas eu mantive: “Não, Moreira, desculpe. Não é nada pessoal, mas não voto contra os trabalhadores, não há a menor possibilidade.” Logo depois daquilo aconteceu um episódio muito desagradável. Estou em casa, e lá pelas 11 horas da noite me telefonam duas pessoas, Jorge Gama²³ e Paulo Rattes, de Petrópolis, fazendo a maior bajulação e, de certo modo, também, uma intimidação. “Heloneida!” — me disse o Paulo Rattes — “Você já pensou que votando contra o governo você não vai conseguir nada do governo?” Respondi: “Paulo Rattes! As ruas de Copacabana já estão calçadas, o asfalto do Leblon já está colocado, iluminado há muito tempo, e eu não vou pedir nada neste governo. E mesmo que eu tivesse que pedir, não há a menor condição de eu mudar o meu voto. Eu só perdôo você estar fazendo essa pressão em cima de mim porque você não me conhece, pensa que eu sou um político como outro qualquer. Por isso você vem fazer pressão, prometer e ao mesmo tempo intimidar. Agora, o Jorge Gama, que me conhece, conhece o meu passado, sabe a mulher íntegra que eu sou, sabe também que não há a menor possibilidade de eu votar contra o gatilho. Eu peço a vocês que não me telefonem mais!” Bati o telefone.

Quando foi no outro dia estava o circo armado: a imprensa inteira estava lá, começou a votação, e quando chegou a minha vez, eu disse: “Não só quero votar, como quero fazer uma declaração de voto.” Fui para o microfone e fiz uma declaração de voto contundente: disse que os direitos dos trabalhadores, para mim, estavam acima dos governos, dos partidos, das alianças, e que eu votava pela permanência do gatilho salarial. Foi um escândalo! Saiu nos jornais todos, em toda parte. Moreira rompeu comigo, ficou muito tempo sem me dizer nem boa tarde. Depois, como ele não é muito rancoroso, se esqueceu.

Mas Jorge Gama também tinha boas ligações com a esquerda, não?

²³ Jorge Gama, advogado ligado ao movimento comunitário e à Igreja em Nova Iguaçu, foi eleito vereador nesse município em 1976, na legenda do MDB. Em 1978 foi eleito deputado federal. Com o fim do bipartidarismo, passou para o PMDB e em 1982 foi escolhido candidato a vice-governador do estado do Rio de Janeiro na chapa de Miro Teixeira, derrotada nas urnas por Leonel Brizola. Em novembro de 1983 foi eleito presidente do PMDB fluminense. Em 1986, participou da articulação da candidatura vitoriosa de Wellington Moreira Franco ao governo do estado e candidatou-se à Câmara dos Deputados, obtendo apenas uma suplência. Ocupou a Secretaria de Administração e depois a Secretaria de Trabalho no governo Moreira Franco, até assumir uma cadeira na Câmara em 1989, substituindo Aluísio Teixeira. No ano seguinte, concorreu à reeleição, mas não teve êxito. Em 1994 tentou novamente sem sucesso uma vaga na Câmara dos Deputados, dessa vez na legenda do Partido Progressista (PP). Ver *DHB*, op. cit.

Tinha. Mas frágeis, como mostrou depois. Jorge Gama era uma pessoa muito envolvida no poder. Nessa época o Moreira foi compondo, e houve muita gente de esquerda que foi cooptada. Muniz²⁴ foi um que ele acabou cooptando. Tem um momento da vida, como eu digo, em que alguns caras se cansam de sofrer, de ser perseguidos, de morar mal, de comer mal, de não viajar, de viver uma vida difícil, e se sentem seduzidos.

Seu segundo mandato foi muito diferente do primeiro?

Foi. Nesse segundo mandato, eu não posso mencionar a quantidade de projetos que fiz, mas fiz muitos. Sempre fiz projetos em três frentes: para as mulheres, para os trabalhadores, e projetos ecológicos. Depois que o Minc chegou, ele absorveu muito esse lado da ecologia. Eu me aliava com todo mundo para aprovar os meus projetos. Ia de deputado em deputado explicar que o projeto não era de direita, não era de esquerda, era para a população, para isso, para aquilo. Vários projetos eu consegui aprovar. Não me lembro dos dessa época porque já faz muito tempo. Já existe muita lei em cima, muita luta em cima. Mas, por exemplo, o último projeto que eu aprovei, no meu último mandato, que foi o do exame de DNA gratuito para as mulheres carentes, que considero um dos projetos mais importantes da minha vida parlamentar, e que já beneficiou centenas de mulheres, eu tive muita dificuldade para fazer passar — isso agora, em plena democracia —, por causa do machismo. Quando eu procurava os deputados e dizia que as mulheres pobres não tinham acesso ao exame de DNA, porque é um exame caro, que custa R\$2 mil, e que por isso muitas vezes elas não podiam definir a paternidade dos filhos; que o governo faria convênios com a Uerj e com a UFRJ, e que elas teriam direito, através da Defensoria Pública, de fazer o exame nos laboratórios dessas universidades, a reação era: “Que é isso, Heloneida, essas mulheres andam por aí dando pra todo mundo, são umas levianas, umas malucas, isso e aquilo, e depois vêm cobrar...” É o conservadorismo, não é. Mas eu ganhei. Eu dizia: “Eu não estou falando dessas mulheres que andam com jogadores de futebol ou com astros, que querem

²⁴ Carlos Alberto Muniz foi militante do MR-8, mas afastou-se em 1983, junto com cerca de 300 militantes, por discordar da orientação ideológica do movimento, que passou a defender uma aliança com o empresariado nacional e mesmo com os militares. No governo Moreira Franco (1987-1991), assumiu um cargo de confiança na Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (Feema). Ver *DHBB*, op. cit.

notoriedade e dinheiro! Esse projeto vai beneficiar mulheres que muitas vezes não querem nem uma lata de leite em pó, querem o nome do pai na certidão do filho! Elas dizem para mim assim: ‘Deputada, já pensou, quando eu for inscrever meu filho na escola, e forem ler na certidão: filho de pai desconhecido?’”

As pessoas, as mulheres, iam procurá-la na Assembléia?

Ah, sim. Meu gabinete sempre foi um permanente e eterno comício, cheio de mulheres. Na Comissão de Direitos Humanos se organizaram vários grupos, inclusive de homossexuais, porque embora isso não apareça, os homossexuais, sobretudo os pobres, são muito discriminados. Por exemplo, houve uma ocasião em que havia aqui uma “caba” ou sargenta da PM que mandava espancar os travestis da área da Glória. Todas as noites eles eram levados para a delegacia e espancados. Esses grupos procuravam a Comissão de Direitos Humanos, que presidi por oito anos seguidos. Quando chegava na hora de distribuir as comissões, eu dizia para os meus companheiros do PT: “Vocês fiquem com as comissões que quiserem, as mais prestigiosas, que eu quero a de Direitos Humanos.” A Comissão de Direitos Humanos teve um papel tão notório que foi citada no *Times*, nos Estados Unidos, e por duas vezes foi procurada pela Anistia Internacional. A comissão fazia de tudo. Eu me entrosei com o Siro Darlan,²⁵ tirando criança da mão de traficante, tirando mulher das unhas dos maridos que as estavam matando, fomos ao fundo das penitenciárias ver as condições de carceragem, fizemos o diabo.

Querendo trabalhar e estando ligado com essas coisas, você trabalha dia e noite, sábado e domingo. Houve um domingo em que eu saí daqui disparada para ir a um assentamento de sem-terra, no Deus me livre, porque os sem-terra estavam ameaçados de morte. Naquela área de Cabo Frio, um líder deles foi morto pelos capangas dos latifundiários, e o filho desse homem, que o substituiu na liderança, estava sendo ameaçado. Fiz uma audiência pública dentro da Câmara dos Vereadores de Cabo Frio e convidei o presidente da OAB de Cabo Frio, o chefe da Polícia Militar, todas as pessoas notórias de lá, além dos sem-terra. Foram 100 sem-terra. E aí os sem-terra contaram tudo o que estava acontecendo, e foi tudo gravado. Tomei como testemunha o

²⁵ Siro Darlan, como Juiz da 2º Vara de Menores do Rio de Janeiro (entre 1991 e 1995) realizou um trabalho de apoio à crianças carentes, expedindo mandados judiciais que estabeleciam o recolhimento dos menores das ruas. A partir de junho de 1995, assumiu a 1ª Vara da Infância e da Juventude.

presidente da OAB, o presidente da Câmara, para exigir providências, garantias de vida, aquilo tudo. E fiquei, por sinal, muito comovida, porque quando passei uma lista para eles assinarem os nomes, 25 não conseguiram assinar, porque eram analfabetos. Quer dizer, num mandato assim, como o meu, há milhares de coisas para se fazer.

A ida para o PT

Como foi a sua saída do PMDB?

Eu já estava numa situação que não me agüentava no PMDB. Um dia, Artur da Távola chegou para mim e disse: “Helô, nós vamos criar um partido novo, de caráter social-democrata. Estamos fazendo o programa. Vamos sair do PMDB, porque está muito fisiológico, não agüentamos mais. Vem com a gente.” Chamou também o Marcello Alencar, que não era mais deputado, mas militava na política. E me mandou o programa do PSDB. É um belo programa, um programa social-democrata mesmo. O que eles diziam era que, sem irmos para o radicalismo do PT, nós teríamos uma oportunidade de fazer um grande trabalho junto aos trabalhadores. Achei que um partido social-democrata estava de bom tamanho, e eu, Marcelo Cerqueira e outras lideranças fomos para o PSDB. Mas não precisamos mais de um mês para verificar que o PSDB não era um partido social-democrata. O programa era bom, mas eles não cumpriam nada daquilo: votavam com as teses da direita, faziam composições pragmáticas, apoiavam isso, apoiavam aquilo. Quando verifiquei isso, eu disse: “Quer saber de uma coisa, Marcelo? Eu vou me embora para o PT.” Ele: “Não, Helô, espera aí, você não vai se dar bem; aquele pessoal do PT é fogo, é muito intolerante, é um pessoal muito estreito...” Eu digo: “Não, eu vou para o PT. Mais radicais do que eu eles não são. Eu só não sou extremista, mas radical eu sou. Minhas bandeiras sempre foram vermelhas; eles é que têm as bandeiras vermelhas, então eu vou para o lado deles.” Brinquei com o Marcelo assim. E fui para o PT, em 89. O PT recebe sempre com certa reserva aqueles que não são fundadores. Até hoje eles me dizem que eu não sou fundadora. Crime inafiançável, não ser fundadora... Mas até hoje estou lá.

Na eleição presidencial de 1989 a senhora ainda apoiou Mário Covas, não?

No primeiro turno apoiei o Covas, de quem sou amiga até hoje. Covas é um homem de bem. No segundo turno, apoiei o Lula e já entrei no PT. Fiz todas as campanhas do Lula, fiz as campanhas da Benedita aqui, me elegi em dois mandatos pelo PT, e só agora perdi a eleição.²⁶ Tenho lá minha autocrítica. Acho que levei a minha campanha por uma linha que eu nunca tinha levado, e atribuo a isso a minha derrota. Sempre fiz campanha junto das mulheres e da sociedade civil como um todo, uma campanha que distribuía panfleto na porta das igrejas, nas missas, nas feiras livres, em todo o lugar onde havia mulher. Eu tenho uma enorme parceria nas mulheres. Passo na rua, e as mulheres dizem: “Ei, Helô!” Ontem mesmo peguei um táxi, e a taxista era mulher. Coisa rara, não é. Disse ela: “Ah, Heloneida Studart! Que bom ver você. Como você vai? Ainda é deputada?” Quer dizer, eu tenho uma enorme passagem no meio do público feminino, inclusive das mulheres que não são de esquerda, não são petistas, são até conservadoras, mas se identificam muito comigo. Eu sou uma mulher que deu certo, que fez carreira política, fez carreira literária, sem deixar aqueles valores que elas amam: ter filhos, ser mãe. Tenho seis filhos, não é. Elas acham isso o máximo. Há uma identificação de caráter emocional comigo, e elas então votam em mim.

Mas, nessa última eleição, fui convencida por vários amigos e companheiros a fazer campanha principalmente junto aos sindicatos e às estatais. Eles me diziam: “Helô, faça a campanha nessa direção, porque dos deputados da bancada dos trabalhadores você foi a única que lutou ardentemente pela classe dos trabalhadores. Veja bem: o Minc é um deputado ambientalista e ecológico; ele cobre muito bem, com brilho, essas áreas de defesa do meio ambiente; a Tânia Rodrigues, que é deficiente física, médica, anda de cadeira de rodas, só atua na área do deficiente; o Neurobis Nagá, que foi nosso primeiro prefeito em Angra dos Reis” — aliás, é um quadrado —, “trabalha muito na área da educação, faz estudos profundos para a reformulação dos currículos, tem contato permanente com os professores e tal; o Marcelo Dias só trabalha junto ao movimento negro, porque é negro. E quem trabalhou pelos trabalhadores foi você; quer dizer, a todas as manifestações de sindicato, a todas as greves, você compareceu, esteve ao lado dos piquetes, fez parte das articulações entre os sindicatos e os patronatos. Quem foi o deputado que seguiu o movimento dos sem-terra o tempo

²⁶ Os dois mandatos na legenda do PT foram obtidos em 1990 (com 16.249 votos) e 1994 (com 14.244 votos). A derrota ocorreu em 1998, quando, apesar de ter recebido mais votos que na eleição anterior (15.889), Heloneida ficou como primeira-suplente. Nessa eleição, Anthony Garotinho, do PDT, foi eleito governador do estado do Rio de Janeiro, e Benedita da Silva, do PT, vice-governadora. Em fevereiro de

todo? Foi você. Quem foi o deputado que lutou em defesa do Banerj sem cessar, e que conseguiu a emenda que salvou os aposentados do desemprego? Os aposentados do Banerj iam ser jogados na vala. Você conseguiu essa emenda. Você saiu da tribuna depois de fazer cinco discursos. Sérgio Cabral já não agüentava mais. A emenda só passou pela exaustão do Sérgio Cabral, que é um menino, não tem 40 anos.”

Aí, eu centrei minha campanha realmente nos sindicatos e nas estatais. Quando amanhecia o dia, no lugar de estar na porta da missa dando panfleto às mulheres, eu estava na porta da Telerj distribuindo panfleto; ao meio-dia, no lugar de estar na feira livre, eu estava na porta da Embratel distribuindo panfleto. E fui por aí afora, fazendo isso. O que é certo é o seguinte: quando faltavam 15 dias para a eleição, eu me dei conta de que ia perder, por causa do corporativismo. Encontrei um amigo meu que era da Embratel e tinha feito todas as minhas campanhas, desde 78, e ele estava com um adesivo no peito escrito Barbosa. Perguntei: “Este ano você não está fazendo a minha campanha por quê? Ficou desapontado com o meu mandato?” Ele disse: “Não, Helô, pelo contrário, você não só foi o melhor deputado do PT como foi o melhor da Assembléia. Eu tenho o maior orgulho do seu mandato.” Perguntei: “Então, por que você está fazendo a campanha de uma pessoa que sequer é do PT, é do PDT?” Ele disse: “Ele é da minha categoria e é dirigente do meu sindicato.” Aí eu digo: “Perdi a eleição.” Porque todas as categorias devem ter candidatos da categoria. E aí o corporativo vai prevalecer. Muitos vão votar em mim, mas vão dividir o voto com os candidatos da categoria. E foi o que aconteceu. Até os velhinhos do Banerj apresentaram dois candidatos a deputado estadual... Nos bancários, que eram a categoria mais fechada comigo, eles tiveram um candidato chamado Paulbert Rolange que teve sete mil votos em Petrópolis. Eu tive mais votos do que na eleição anterior, mas perdi a eleição. É claro que essa avaliação minha não é a de muitos dos meus assessores, mas tenho certeza de que ela está correta.

Também a aliança do PT com Garotinho me prejudicou muito, porque na Zona Sul há uma resistência muito grande ao PDT. O povo brasileiro tem muito aquele negócio de achar que uma pessoa que tem o mesmo partido da outra é a mesma que a outra. Havia pessoas que diziam para mim: “Garotinho é Brizola. Em Brizola eu não voto nem morto.” Então, eu, que sempre achei, e acho, apesar de todos esses rebus, que a aliança é importante, não por causa do Garotinho nem por causa do Brizola, mas

2001, em virtude da eleição (em outubro de 2000) do deputado petista André Ceciliano para prefeito de Paracambi, e de seu afastamento da Assembléia, Heloneida assumiu o mandato de deputada estadual.

porque é importante que os progressistas se juntem para poder enfrentar o neoliberalismo, que é o dragão da maldade, é uma força mundial, planetária, e que não é porque nós achamos que Brizola é isso, Garotinho é aquilo, que vamos deixar de fazer uma aliança para fazer uma trincheirinha de resistência, por pequena que seja, como está feita no Rio de Janeiro, eu fui a favor da aliança. E, ao contrário do Minc, que também foi, mas ficou encolhido, reservado, eu me expus, fui para a televisão, fui para os jornais defender a aliança, fui me reunir com Brizola, várias vezes... Brizola me disse: “E eu que pensava que a senhora me detestava. Agora quero pedir que a senhora beba da minha taça ” — me dava vinho, mas eu não bebo... Eu dizia: “Não, Brizola, eu não faço política por nada pessoal, porque eu gosto de você ou deixo de gostar. É uma questão de princípio.”

Isso também influenciou. Eu conheço, pelo menos aqui no Leme, várias pessoas que deixaram de votar em mim por causa da aliança. A aliança me impediu de fazer dobradinha com Milton Temer, que foi uma das minhas principais dobradinhas nos outros anos. Eu e ele temos enorme passagem no meio dos intelectuais e das universidades, mas não pude fazer dobradinha com ele porque o pessoal do Refazendo, esse grupo que é contra as alianças, estava proibido de se juntar com os deputados aliancistas — o que, aliás, o Milton Temer só cumpriu em relação a mim, mas não cumpriu em relação ao Minc. Eu até brinquei com ele: “Você fez dobradinha com o Minc porque ele fez aquele monte de *outdoors* maravilhosos para você na Zona Sul...” Eu gosto muito do Milton, ele é muito meu amigo.

Ouso dizer que Garotinho ganhou a eleição por causa do PT. Porque aqui no Rio de Janeiro o PT levou a campanha dele com muito ardor, com muito empenho. A Benedita, por exemplo, tem voto que não acaba mais nas populações faveladas. E não é por questão ideológica nem programática, é por uma questão emocional. Eu já fiz campanha com ela, é emocionante. Você chega numa comunidade pobre dessas, e quando as pessoas olham para ela e vêem aquela negra, ficam enlouquecidas. Gritam: “Bené! Eu voto em você, não é por que você é do PT, não é por que você é isso nem aquilo, é porque você é uma de nós, você é como se fôssemos nós!”

Mas com o Lula isso não acontece...

Com o Lula isso não acontece porque o Lula é operário. E o brasileiro tem horror a trabalhador. O Brasil é uma sociedade escravista. A imagem do trabalho está ligada à

imagem da escravidão. Então as pessoas não votam em Lula. Eu passei também uma trabalhadeira com Lula, fiz todas as campanhas dele. O porteiro do meu prédio na Gávea, um nordestino como eu, só que eu vim de avião, e ele veio de pau-de-arara, dizia assim: “Me admira a senhora, uma moça formada, escritora de livro, preparada, votar num peão que nem eu!” Ele se desvaloriza, não é: “um peão que nem eu”. Não vota, e o Lula não ganha. Olha que eu gosto dele! Acho ele um gênio. É de uma inteligência, de uma intuição, de uma capacidade de compreender os problemas! É uma pessoa incrível, o Lula. Mas não ganha. Temos que correr atrás do Cristovam Buarque, ou do José Genoíno, que é outro quadraço.

O Cristovam, além de ser um acadêmico, teve projetos muito inovadores lá em Brasília: bolsa-escola, banco do povo... Sobre o banco do povo, ele conta a história da égua Margarida, que é engraçadíssima. Um cara vivia à custa de uma égua que puxava uma carroça. A carroça fazia pequenos carretos, e com isso ele ganhava a vida da família. Um dia, a égua emprenhou, não pôde mais carregar a carroça, e ele ficou desesperado. Foi ao banco do povo e levantou, sem fiador, sem juros, um empréstimo de acho que R\$2 mil. Com esse dinheiro comprou uma nova égua, botou na carroça e continuou. Aí, a égua dele deu à luz um potrinho. Ele vendeu o potrinho, comprou outra carroça com o dinheiro do potrinho e chamou o irmão desempregado para trabalhar. Ficou com duas carroças e duas pessoas trabalhando. Esse é o segredo do Cristovam. Ele faz projetos pequenos, extremamente simples, extremamente baratos. E com isso solucionou, praticamente, o problema das crianças de rua de Brasília, com a bolsa-escola. Teve essa idéia, que foi um ovo de Colombo e que está sendo adotada, inclusive, internacionalmente. É um cara incrível. E depois, de um trato tão doce, tão paciente para ouvir besteira, para ouvir contestação. E para ouvir as ranzinzices do nosso partido, que é um partido ranheta. Eu já estou me preparando para a reunião de amanhã. Deus que me ajude!